



EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO	13. SET. 1979	POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUGALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	

Coluna ao alto

NARANA COISSORÓ

O grande polvo

A avalanche de novos preços, desalmadamente aumentados, que o Governo LP-PS-PC fez desabar sobre os portugueses, tem provocado uma violenta e generalizada onda de indignação e protestos que percorre o País de Norte a Sul. Como conseguiremos sobreviver a esta carestia, à degradação incessante da nossa qualidade de vida, ao arrastamento contínuo das nossas famílias para as fronteiras da fome e da miséria? São perguntas que estão na boca de todos e não conseguem obter qualquer resposta.

Ninguém, a começar pela Sr.^a Primeiro-Ministro foi ainda capaz de dizer em termos insofismáveis e claros os critérios que presidiram à opção governamental. Como se chegou nuns casos a 20% e noutros a 16% ou 15% ou 18%? Seria absolutamente necessário proceder aos aumentos tão generalizados ou haveria outras soluções que poderiam atenuar a tão alardeada necessidade de acompanhar a subida dos preços do petróleo? Como foram realizados os estudos preparatórios que conduziram a estes números? Quem os realizou? São profissionais competentes e independentes ou são os economistas de serviço do Partido Socialista que «alcançaram» as conclusões que agora são divulgadas pelo Governo como únicas e verdadeiras? Não é verdade que os estudos técnicos efectuados pelo gabinete do Prof. Mota Pinto, tal como declarou a um semanário o actual ministro do Comércio e Turismo, apontavam para outras soluções e outras opções? Porque se divergiu do caminho do Executivo anterior?

Todas estas interrogações deveriam ser exaustivamente tratadas pela Chefe do Governo, na sua entrevista televisiva, e explicar sem rodeios nem subterfúgios a verdade, mesmo que prejudicial para os objectivos eleitorais do PS e PC. Os telespectadores esperavam ouvir da boca da Sr.^a Primeiro-Ministro Pintasilgo as justificações minimamente plausíveis para o seu papel de chefe de governo, em vez de se verem inundados por circulars que chegam às suas mãos e dos apelos que julga ter das forças político-sociais. Que importa a Sr.^a Pintasilgo romanticamente sofrer por palavras as desgraças dos pensionistas que nem sequer têm dinheiro para se alimentarem, se os seus superministros são totalmente incapazes de equacionarem os termos duma política que vá de encontro às necessidades mínimas e vitais destes dezenas de milhares de desgraçados? Que alívio pode trazer os sorrisos estudados da Sr.^a Pintasilgo aos milhares de idosos e reformados o ouvir que o culpado da sua situação é o Orçamento Geral do Estado, ao mesmo tempo que oculta a sua proveniência socialista-comunista que o impôs ao Governo de Mota Pinto? Que esperança pode conter a tirada impressionista da Sr.^a Pintasilgo de que a nossa organização económica decorrente da Constituição de 1976 é um grande polvo que esmaga as pessoas e lhes suga o sangue, se ela própria é uma entusiástica servidora e apologista desta política marxista-burocrática? Que lenitivo podem encontrar os milhões de desempregados o saberem pela Sr.^a Pintasilgo que a nossa máquina administrativa está obsoleta, pesada e anquilosada? Não é verdade que tudo já foi dito, redito e repisado a todos os portugueses que sofrem na sua carne os desvarios do socialismo que os tritura desde a contra-revolução comunista de 11 de Março de 1975? É isto que mata a fome das classes que não têm voz?

A Sr.^a Eng. Maria de Lurdes Pintasilgo preencheu o longo tempo que lhe foi proporcionado pela agora socialíssima RTP, — sem que os partidos da oposição lhe possam responder no mesmo écran — para a sua autopropaganda e para debitar uma dúzia de banalidades. Fez algumas afirmações preocupantes em jeito de brincadeira, e disse coisinhas tontas com ar de seriedade. A Sr.^a Primeiro-Ministro recusa-se a garantir, sem equívocos, que abandonará o poder com as eleições intercalares, ao mesmo tempo que recita a fraseologia cunhalista para quem a campanha eleitoral dos partidos democráticos é a intoxicação do povo. Sub-repticiamente a Chefe do Governo LP-PS-PC apela para o abstencionismo ou para o eleitorado manter a correlação de forças de 1976.

Se a Sr.^a Primeiro-Ministro fosse realmente partidária e isenta competia-lhe esclarecer o povo que o pacote dos aumentos teve por finalidade exclusiva bombear mais e mais dinheiro no saco sem fundo das empresas públicas confiadas, desde a sua constituição, à gestão socialista e submetidas à sabotagem comunista. O regime socialista que nos oprime não consente que nós discutamos livremente esta magna questão que é o dinossáurico sector público nacional — o tal polvo que esmaga os portugueses e lhes suga o sangue. O PS e o PC impõem ao seu governo a política conservadora e retrógrada de manter dezenas de empresas que a incompetência, a ineficácia e o oportunismo dos «gestores» socialistas conduziram ao estado de falência técnica, e os quadros comunistas — legais ou clandestinos — têm porfiado em deixá-las em estado improdutivo, para ali canalizar os impostos incomportáveis lançados sobre o sector produtivo da Nação, o dinheiro dos empréstimos externos, e o pão dos nossos filhos que através dos aumentos constantes de preços é entregue a uma aristocracia de trabalhadores que se habituaram a viver destes rendimentos.

Esta a razão por que os chamados «partidos dos trabalhadores» estão interessados em conservar o sector público por razões ideológicas que conservar o poder de compra dos trabalhadores em níveis aceitáveis. É por isso que os trabalhadores são as primeiras vítimas da política colectivista-burocrática da maioria de esquerda.

A Sr.^a Primeiro-Ministro Pintasilgo afirmou que não está isolada. Quem disse o contrário? Não está ela tão bem acompanhada pelo PC, pelo PS, pela CGTP/INTER, pelas confederações fantoches de fabricação comunista e por todos aqueles que estão apostados em conduzir o País à sua catástrofe final?